



A Academia Campinense de Letras abriu suas portas à Cerqueira Leite

## Abertura: Academia quer o cientista Cerqueira Leite

O título da matéria poderia ter sido este: "Cerqueira Leite, quem diria? quer entrar na Academia". Por amor à verdade e por respeito aos que têm alergia às rimas pobres, é preciso dizer que muito pelo contrário. É a Academia Campinense de Letras que quer o professor-cientista Rogério César de Cerqueira Leite que, esclareça-se, não se candidatou. Foi candidato.

Por isso não lhe perguntem pelas razões, "Não há razões nenhuma. Alguns dos membros da Academia me procuraram, e acharam que eu deveria ser candidato. Fui convencido." Os argumentos? "Não foram de natureza muito científica, mas me disseram que a Academia estava abrindo um pouco o leque e que pessoas da área científica deveriam ser consideradas".

E foi assim que Cerqueira Leite, duas vezes candidato à reitoria da Universidade Estadual de Campinas (e nas duas sem apoio do *establishment*), se tornou concorrente à cadeira número 2 da ACL, que tem como patrono o bispo Dom João Batista Correa Nery. Seu último ocupante morreu em julho do ano passado. Era o escritor-empresário Francelino de Souza Araújo, ou melhor, Francelino S. Piauí, nome pelo qual é conhecido o autor de "Vida e Felicidade".

Desta vez, nada impede que o candidato vença as eleições. Além de contar com o respaldo de parcela expressiva dos acadêmicos, é o único inscrito. É verdade que as inscrições se estendem até junho. Mas quem se arrisca a disputar os 39 votos com o prestígio do físico Cerqueira Leite? Basta, como mostra, o entusiasmo do presidente da ACL, historiador Celso Maria de Melo Pupo. "É um intelectual de renome internacional", lembra ele.

### Modéstia e imodéstia

Porém, o futuro acadêmico é, ele próprio, mais modesto. "Não me coloco entre os acadêmicos clássicos, que participam da atividade literária; minha contribuição é na área científica". Sim, é verdade que já praticou a literatura, publicando em 1976, pela Livraria Duas Cidades, o "livrinho" de contos "Antoninho Fincapé e seu Defunto". Mas trata-se de um "arremedo de obra literária", posto que "não me considero competente como ficcionista".

Autocrítico, atribui sua incursão na arena da história curta a um "ataque de imodéstia". Insiste, talvez com medo dos mistérios da Revisão: "Coloque falta de modéstia para não deixar dúvidas". Cerqueira Leite sabe que, para garantir a clareza, é preciso prevenir-se... Afinal, escreve há "seis, sete anos" para jornais de São Paulo ("Folha") e do Rio ("Jornal do Brasil").

Esta labuta rendeu-lhe já 8 vo-



"Como todo garoto, fiz poesia à namorada, quem não faz não cresce"

lumes de artigos sobre Ciência e Política (dos quais 6 publicados) e uma experiência adicional como conselheiro editorial. "O Conselho da "Folha" foi uma tentativa que deu certo, de uma maneira, ajudou o projeto de abertura do próprio jornal". Sobre o papel social e político da imprensa, porém, não adianta perguntar. "Já se falou tudo a respeito e eu não quero cair no lugar-comum". Motivo de orgulho para Cerqueira Leite é "não repetir duas vezes a mesma idéia".

### A dura "conversa mole"

O papel da Academia? Uma pergunta simples e por isso difícil, queixa-se o cientista. Mas, futuro acadêmico, não pode furtar-se a respondê-la. Pensa. Diz: "A Academia deve ser, antes de tudo, um receptáculo de Cultura, guardião da identidade nacional; tem uma função inicial de encontrar meios de preservar os valores da sociedade brasileira".

Isto "não quer dizer que ela deva ter uma função apenas integradora da cultura". A Academia "deve também exercer a função inovadora de colocar-se à frente do movimento de renovação cultural". O que significa: "buscar meios de incentivar a atividade cultural, apoiar os projetos que assegurem a ampliação do patrimônio literário e científico da comunidade".

Aplicando a si mesmo uma injeção de ironia socrática, o professor reconhece que "tudo isso não passa de conversa mole" (por acaso o leitor não notou o sorriso autoirônico com que ele temperou a palavra "guardião"?). Mas "é assim mesmo", conforma-se automaticamente Cerqueira Leite, que parece estar pedindo tempo para vestir inteiramente a linguagem acadêmica.

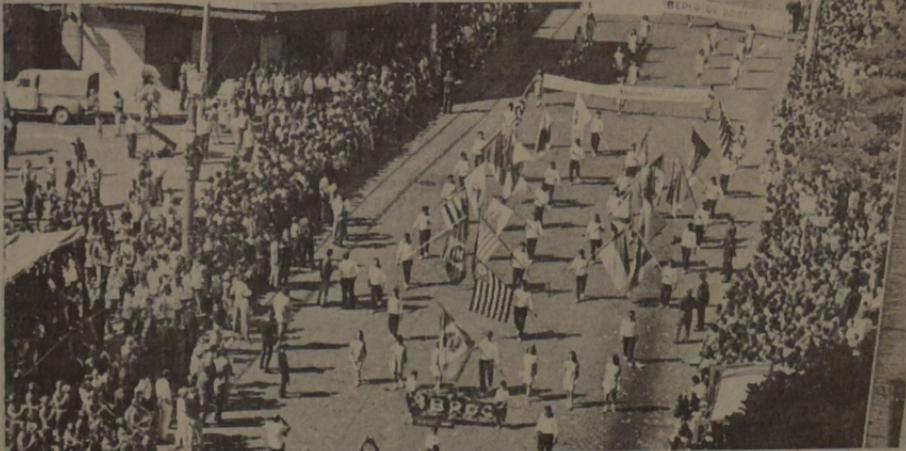
### É isso aí

É, certamente, o preço que se paga pelo desempenho de um papel social. Com ou sem o formalismo do idioma acadêmico, as palavras acima traduzem tudo quanto o novo acadêmico pretende fazer. Com uma vantagem a mais: precisamente a de ser cientista. "A medida em que a sociedade se desenvolve os limites entre Ciência e Arte tornam-se menos rígidos e distintos; talvez eu possa ajudar a provocar uma integração entre Arte e Ciência".

Afirma desde já que "difícilmente eu seria capaz de dizer algo de novo a respeito da Literatura". Mas confessa logo que "me interessa bastante por Literatura, ainda que tenha o defeito de ser cientista". Seus autores: o poeta Rainer Maria Rilke, o filósofo Friedrich Nietzsche, o dramaturgo William Shakespeare. "Houve época em que eu viajava com suas tragédias na pasta". Por quê? "Ele tem uma grande riqueza de idéias, característica também de Nietzsche". À margem, observa que "vão me chamar de nazista por isso, mas eu gosto dele".

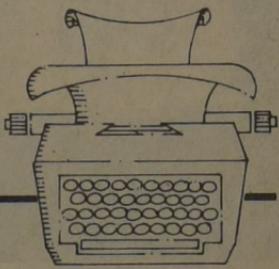
Outras confissões do leitor Cerqueira Leite: "Continuo lendo Machado de Assis"; "sou muito motivado pelas relações pessoais, leio meus amigos, como Darcy Ribeiro e Antonio Callado"; "sou devastador de bibliotecas, apesar da minha idade"; "tenho 50 anos". Quanto ao escritor (ou baletista?) Cerqueira Leite, não há o que esconder: "por enquanto, nada resultou da minha experiência literária".

O cientista tem, com tudo, planos de ressuscitar o ficcionista. "Um de dia vou ter tempo e tentarei escrever". Embora tenha escrito "Antoninho Fincapé" em uma semana, Cerqueira Leite está convicto de que "escrever é um *metier* que exige muita dedicação; muito mais inspiração do que inspiração".



"Era operário pra cá, operário pra lá..."

## conto da semana



### O Primeiro de Maio travestido

Luiz Roncari

Existem ainda na Vila Madalena alguns bares onde se joga o dominó. Esse jogo já foi muito difundido no bairro da Madalena, ou da Santa Madalena. Os velhos moradores que guardam a memória da sua formação divergem entre si. Alguns atribuem o nome a uma tal de Madalena, que possuía uma chácara na região, outros, à Santa que os portugueses que aqui vieram se estabelecer veneravam em seu país. Foram eles que praticamente fundaram a Vila e difundiram o jogo de dominó. Quando terminavam o trabalho da coleta de lixo - fazem questão de dizer, dando dignidade à função, que eram coletores de lixo e não lixeiros, como se diz hoje - reuniam-se nos bares onde faziam campeonatos de dominó. Alguns desses bares sobreviveram e conservaram ainda um pouco de sua feição característica: as mesinhas de madeira, os balcões com pedras de mármore, as estantes altas com portinholas de vidro, as sardinhas em conserva preparadas pelo próprio dono e este sempre um português ameno, pacificado no trato com compadres, que se manteve no ramo um pouco por gosto.

Foi num desses bares que ouvi esta história do Primeiro de Maio. Veio de um espanhol que ainda toda santa tarde vai jogar no bar do Esteves. É um espanhol desbocado que não perde a chance de meter um palavrão na conversa. "Tem uma boca de esgoto", comenta o Esteves quando se refere a ele. É um dos últimos da Vila que ainda aperta as calças com um cinto largo de couro sem enfiá-lo nos passantes. Por isso, o Esteves chama-o de "atrasadão"; "não involuiu", diz, confundindo tudo. Mas ninguém gosta mais dele do que esse português simpático, de rosto afilado, bigode pequeno e bem aparado, cabelos um pouco grisalhos e cortados rente. Porém é um amor não declarado, porque, quem vê, pensa logo o contrário, pois estão sempre discutindo. É que o espanhol, assim que o chamam, é um dos únicos que levam a sério as provocações do Esteves. E é por isso que se amam, porque se entendem. Um provoca e o outro se enfurece. Os dois respeitam as regras do jogo e não as alteram.

O espanhol é uma espécie de comentarista, cronista e intérprete do pedaço. A tudo o que acontece e se comenta no bar, ele tem sempre algo a acrescentar, na forma de comentário, de uma história, que nem sempre tem que ver com o fato, ou de uma explicação segundo o seu ponto de vista. Ele não perde a chance de afirmar a sua visão das coisas, que é a de que hoje tudo está pior que ontem. É uma visão muito comum entre aqueles que estão vendo a sua geração sendo substituída por outra. Mas nele ela toma a força de uma visão explicativa da história, pois ele não vê muita diferença entre o mundo e a Vila, e o que se passa nela ele estende ao mundo. Assim, para o seu proselitismo, ele se aproveita de qualquer sugestão para atacar:

— O pombal. Olhem o pombal! — Ele chama de pombal a um enorme conjunto habitacional composto de prédios todos iguais. Antes, o que tinha lá? Quatro campos de futebol, onde a molecada podia brincar toda tarde. No domingo você ia assistir os jogos e encontrava lá a Vila inteira. Parecia uma festa. E agora? Uns prédios que parecem casa de pombas, parecem um amontoado de caixotes. Quem mora no meio ouve a voz de quem mora em baixo e o roncar de quem mora em cima.

É sempre assim que terminam os seus comentários. Ele faz os outros rirem no final, para dar força a sua argumentação e para que concordem com ele. O Esteves provoca-o e faz extravasar o seu anticlericalismo.

— Viu, espanhol? O padre vai fazer uma festa pra comprar a estátua nova pra Igreja.

Todos riem porque se lebram de um caso que aconteceu entre ele e o padre. Quando tem algum estranho por perto, o Esteves começa contando:

— O espanhol tinha proibido a sua mulher de ir à igreja. Ele achava que o padre era mulherego e ficava com ciúmes...

O espanhol se enerva e toma para si a história:

— Ciúmes o c...! Ele era um sem-vergonha muito grande. Um dia teve o desagrado de ir em casa perguntar por que a Dolores não aparecia mais na missa. Ele teve o azar de que eu estava na cozinha, quando conversava baixinho com ela na sala. Eu fui lá e fiz ele ficar pra jantar. Mandei a Dolores fazer uma sopa de alho com pimenta. Enquanto ele comia fiquei contando o que os republicanos faziam com os padres lá na Espanha. 'Eu não sei se ele se benzia por causa da sopa ou da história que eu contava.

Foi nas vésperas do Primeiro de Maio deste ano que o Esteves fez a provocação que deu origem a esta história.

— Ó espanhol! Vais desfilar no Primeiro de Maio? No desfile deste ano vão lembrar o trabalhador imigrante: português, ja-

ponês, italiano. Mas o governo não está encontrando espanhol que trabalhe pra por no desfile.

— Espanhol que trabalha não desfila - respondeu. — As vezes desfilar é muito perigoso. Quando cheguei no Brasil, na ditadura do Getúlio, só faltava ter *miss* operário. Era operário pra cá, operário pra lá. Getúlio pra cá, Getúlio pra lá. Onde já se viu uma coisa dessas? Parecia até que tinham acabado com os lobos deste mundo. Como fazia pouco tempo que eu tinha chegado aqui, aproveitei o feriado para ir conhecer as mulheres do Bom Retiro. Naquele tempo o governo tinha tirado elas do centro da cidade e mandado para o Bom Retiro. As casas ficavam nas ruas Itaboca e Aimoré. Era uma atrás da outra. Enfileiravam-se como o rosário do padre. Lá, naquele dia, o movimento era grande e se comemorava o Dia do Trabalho, trabalhando de verdade, com prazer. Fomos eu e o Rafael. Ele era tão tímido e medroso que, se a mulher acendesse a luz, acho que ele não iria conseguir fazer levantar; e, se apagasse, ele iria ficar com medo de que roubassem as calças.

"Escolhi uma casa, fui batendo e entrando. O Rafael vinha atrás me segurando pelo paletó. Lá dentro parecia um carnaval. Confete, serpentina, papel colorido, todo mundo enfeitado. As mulheres diziam que era também o dia delas e estavam preparando um concurso. Quando dissemos para uma delas no que trabalhávamos, ela começou a gritar e espalhar que éramos operários. Eu pensei assustado que iam mandar a gente embora, e já ia começando a achar ruim com o Rafael por ele ter dito a verdade. Lá, parecia que só tinha advogado. Os homens falavam com as mulheres como se estivessem fazendo discurso. Mas não, rodearam a gente e começaram a dar tapinhas nas costas e a oferecer bebidas. Depois, disseram que deveríamos participar do concurso como representantes da classe operária, a classe mais nobre do mundo inteiro, diziam".

"No concurso, os homens deveriam trocar as suas roupas com as mulheres e desfilar. O casal que melhor se apresentasse receberia uma faixa de campeão e campeã do trabalhador bandeirante. Eu disse logo que comigo não iria dar certo porque meu bigode era grande demais para disfarçar. Disse, porém que faria parte do júri, e que o Rafael daria uma boneca e tanto, pois ele tinha cara lisa como b... de anjo. Arrastaram o Rafael, coitado. Não sei como conseguiram vesti-lo com uma peruca ruiva, ruge, batom, um vestido de cetim vermelho, ligas e salto alto".

"Acontece que nas outras casas da rua foi se espalhando a notícia do concurso e todo mundo começou a dirigir-se para lá. Com isso, começou a se criar uma confusão tão grande, pela quantidade de gente, que a dona da casa começou a desistir da idéia. Mas o desfile já tinha começado, com os homens e as mulheres de roupas trocadas. Todos bebiam, gritavam, torciam, batiam palmas, e a dona não conseguia controlar mais nada, até que resolveu pedir auxílio para a polícia. Quando o Rafael pensou, suas pernas tremiam tanto que desfilar que ele rebolevava sem timidez, disputando o campeonato. Entre as mulheres não se notou grande diferença de uma para a outra, todas se empenhavam em ganhar e rebolevam mais do que o normal, se esquecendo que homem é diferente. Mas o Rafael foi um sucesso. Elegeram-no o 'campeão do trabalhador bandeirante'. Colocaram a faixa nele e o puseram em cima do balcão do bar. Ai, ele não aguentou, chorou. Mas começaram a aplaudir pensando que era de emoção que ele chorava. O Rafael não tinha gozado bastante a vitória quando a polícia chegou. Levaram o coitado do Rafael chamando desesperadamente por mim. Que podia eu fazer? No outro dia saí no jornal, me lembro bem, fiz até questão de decorar. Tinha em cima a sua fotografia vestido de mulher e escrito embaixo: 'Operário devasso, preso no Dia do Trabalho travestido de mulher em casa suspeita'. Enquanto seus irmãos desfilavam exaltando as forças vivas da nação, homenageados pelo presidente e outras autoridades, o *lixeiro* Rafael V. se exorbitava rocambolescamente num antro de mulheres. Como a maçã podre que deve ser retirada dentre as boas para não apodrecê-las, também é necessário que se extirpe dos meios saudáveis da sociedade o cancro infecto da degenerescência. O topete da provocação chegou a tahto que o referido portava uma faixa com os dizeres *campeão do trabalhador bandeirante*, parodiando sem escrúpulo, e sequer graça, a mais bela homenagem que se presta ao trabalhador paulista".

"O Rafael se mudou - continuou o espanhol mais apareceu na Vila, nem para um raio de dominó. Naquele tempo, a gente se divertia".

• Luiz Roncari é historiador, co-autor de "Brasil História" e professor da Puc-S. Paulo. O conto faz parte do livro "Os Olhos de Sebastião Valadares".